

O PAPEL SOCIAL DA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR NO PROCESSO DE INCLUSÃO DA CRIANÇA HOSPITALIZADA

Recebido em: 23/06/2023

Aceito em: 21/07/2023

DOI: 10.25110/educere.v23i2.2023-007

Leociléa Aparecida Vieira¹
Julianna Dias Maria²
Keli Casagrande³
Vera Elis Mendes⁴

RESUMO: A brinquedoteca hospitalar desempenha um papel social crucial no processo de inclusão da criança hospitalizada. Este estudo justifica-se pela necessidade de evidenciar os benefícios da brinquedoteca hospitalar, tanto do ponto de vista teórico, embasando-se em estudos e teorias já existentes, quanto do ponto de vista prático, apresentando exemplos de implementação e resultados positivos. Tem como objetivo analisar o papel social da brinquedoteca hospitalar no processo de inclusão da criança hospitalizada. Frente ao exposto, o estudo apresenta um breve histórico da brinquedoteca, a fim de entender sua trajetória no cenário mundial, seu surgimento no Brasil, seus objetivos e sua legislação. Posteriormente analisa a função do brincar no desenvolvimento infantil. Reflete-se também sobre a brinquedoteca hospitalar como um espaço mágico no qual a criança pode expressar suas imaginações e emoções, socializar com outras pessoas e desenvolver-se. Para elucidar a contribuição social da brinquedoteca hospitalar à criança, por meio de uma abordagem metodológica bibliográfica e revisão sistemática de fontes primárias e secundárias, a pesquisa busca embasar-se em teorias e estudos já existentes, como os de Cunha (1997), Kishimoto (2003) e Vygotsky (1987), para analisar a relevância do brincar em um ambiente hospitalar e sua promoção à saúde. Deste modo pode-se observar que a brinquedoteca contribui na socialização da criança que se encontra hospitalizada, haja vista, que possibilita a ela um espaço destinado a mitigação dos conflitos internos e oferece um ambiente mágico onde as crianças podem se envolver em atividades lúdicas, permitindo que elas desempenhem seu principal trabalho: brincar.

PALAVRAS-CHAVE: Brinquedoteca Hospitalar; Crianças Hospitalizada; Atividades Lúdicas.

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – Campus de Paranaguá. E-mail: leocileavieira@unespar.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3879-4518>

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – Campus Paranaguá.
E-mail: diasmariajulianna@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3061-6292>

³ Mestranda pelo Programa de Mestrado Profissional de Educação Inclusiva (PROFEI) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Prefeitura Municipal de Curitiba. E-mail: kelicagrande@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9898-8842>

⁴ Mestranda pelo Programa de Mestrado Profissional de Educação Inclusiva (PROFEI) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Prefeitura Municipal de Paranaguá. E-mail: v.elis@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7729-7451>

THE SOCIAL ROLE OF THE HOSPITAL TOY LIBRARY IN THE INCLUSION PROCESS OF HOSPITALIZED CHILDREN

ABSTRACT: The hospital toy library plays a crucial social role in the process of inclusion of hospitalized children. This study is justified by the need to highlight the benefits of hospital toy library, both from a theoretical point of view, based on existing studies and theories, and from a practical point of view, presenting examples of implementation and positive results. It aims to analyze the social role of the hospital toy library in the process of inclusion of hospitalized children. Although public policies around these institutions have been intensified since the Law 11.104/05, the toy library is still a space little widespread in Brazil. Given the above, the study presents a brief history of toy library in order to understand its history in the world, its emergence in Brazil, its goals and its legislation. Subsequently, it analyzes the role of play in child development. It also reflects on the hospital toy library as a magical space in which children can express their imaginations and emotions, socialize with others and develop. To elucidate the social contribution of the hospital toy library to children, through a bibliographic methodological approach and systematic review of primary and secondary sources, the research seeks to be based on existing theories and studies, such as Cunha (1997), Kishimoto (2003) and Vygotsky (1987), to analyze the relevance of play in a hospital environment and its promotion to health. Thus, it can be observed that the toy library contributes to the socialization of the child who is hospitalized, given that it provides a space for the mitigation of internal conflicts and offers a magical environment where children can engage in playful activities, allowing them to perform their main work: playing.

KEYWORDS: Hospital Playroom; Hospitalized Children; Playful Activities

EL PAPEL SOCIAL DE LA LUDOTECA HOSPITALARIA EN EL PROCESO DE INCLUSIÓN DE NIÑOS HOSPITALIZADOS

RESUMEN: La ludoteca hospitalaria desempeña un papel social crucial en el proceso de inclusión de los niños hospitalizados. Este estudio se justifica por la necesidad de destacar los beneficios de la ludoteca hospitalaria, tanto desde un punto de vista teórico, basado en estudios y teorías existentes, como desde un punto de vista práctico, presentando ejemplos de implementación y resultados positivos. Se pretende analizar el papel social de la ludoteca hospitalaria en el proceso de inclusión de los niños hospitalizados. Aunque las políticas públicas en torno a estas instituciones se hayan intensificado desde la Ley 11.104/05, la ludoteca sigue siendo un espacio poco difundido en Brasil. Teniendo en cuenta lo anterior, el estudio presenta una breve historia de la ludoteca con el fin de comprender su historia en el mundo, su surgimiento en Brasil, sus objetivos y su legislación. Posteriormente analiza el papel del juego en el desarrollo infantil. También reflexiona sobre la ludoteca hospitalaria como un espacio mágico en el que los niños pueden expresar su imaginación y sus emociones, socializar con los demás y desarrollarse. Para dilucidar la contribución social de la ludoteca hospitalaria al niño, a través de un abordaje metodológico bibliográfico y revisión sistemática de fuentes primarias y secundarias, la investigación busca basarse en teorías y estudios existentes, como los de Cunha (1997), Kishimoto (2003) y Vygotsky (1987), para analizar la relevancia del juego en el ambiente hospitalario y su promoción a la salud. Así, se puede observar que la ludoteca contribuye a la socialización del niño hospitalizado, dado que proporciona un espacio para la mitigación de conflictos internos y ofrece un ambiente

mágico donde los niños pueden realizar actividades lúdicas, permitiéndoles realizar su principal trabajo: jugar.

PALABRAS CLAVE: Ludoteca Hospitalaria; Niños Hospitalizados; Actividades Lúdicas.

INTRODUÇÃO

A brinquedoteca hospitalar possui um papel social proeminente no desenvolvimento da criança hospitalizada, pois possibilita a ela uma interação com seus familiares, amigos e outras que frequentam o local. Além da socialização estas instituições garantem à criança um ambiente próprio para que possa brincar e realizar o exercício do “faz de conta”, algo que, segundo Freud (*apud* KISHIMOTO, 2003, p. 57) “permite à criança a construção do mundo real, pois brincando ela trabalha com situações que vive no social, podendo assim, compreendê-las melhor”, haja vista, que ao brincar a criança incorpora o universo ao seu redor e expressa de forma natural seus conflitos, sofrimentos e frustrações.

Para que esse momento de lazer seja realizado de forma segura é importante à verificação de todas as acessibilidades para que não haja qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o brincar, a liberdade de expressão, a circulação com segurança, entre outros (BRASIL, 2005).

Assim, a contribuição do ambiente tem como um dos grandes desafios no seu uso compensar as limitações e só pode ser considerada de qualidade quando contemplar todas as pessoas e suas necessidades. A criança hospitalizada precisa estar amparada em seus direitos e a brinquedoteca hospitalar representa um dos espaços para que ela exerça seus direitos social e educacional.

Ao frequentar a brinquedoteca os direitos da criança são preservados, pois ela é um espaço de lazer, que permite a criança desenvolver a sua criatividade, por meio das atividades lúdicas. De acordo com Cunha (2007, p. 5) “muitos brinquedos, jogos variados e diversos materiais que permitem expressão da criatividade, mas a BRINQUEDOTECA pode existir até sem brinquedos, desde que outros estímulos sejam proporcionados”.

É importante que haja a inclusão e, para isso, além de oferecer à criança situações de aprendizagem, são necessárias ações práticas capazes de responder às suas diversas demandas (BRUNO, 2000), pois, mesmo em tratamento de saúde ela deve estar sendo assistidas pedagogicamente de maneira inclusiva.

Durante o período em que a criança se encontra hospitalizada configura-se como um momento estressante, doloroso e ameaçador. Nesse âmbito há uma preocupação em como se dará o seu desenvolvimento cognitivo, a sua saúde mental, o seu bem estar e suas relações sócio afetivas durante essa “fase” de privação na qual o paciente está restrito de seu convívio familiar e dos amigos; da vida social em geral. Souza *et al.* (2018, p. 87) corroboram de que

essas crianças/jovens vivem um momento difícil de sua vida e essa situação tende a alterar seu desenvolvimento, é nesse âmbito que o pedagogo assume um papel de agente transformador, de levar a esses pacientes atividades que proporcionem a continuação de sua aprendizagem com conteúdos escolares e lúdicos.

Dessa maneira, a brinquedoteca possibilita a oportunidade de preservar a infância, para que o sujeito continue a “ser criança”, a brincar, a imaginar, a se expressar e a interagir.

É mister salientar de que no Brasil, as primeiras brinquedotecas se instalaram por volta de 1980 e foi, apenas em 2005, a partir da Lei nº 11.104, que surgiram políticas públicas que garantem a sua obrigatoriedade em unidades de saúde que oferecem atendimento pediátrico em regime de internação.

Assim, as brinquedotecas são relativamente recentes, sendo inclusive pouco comentadas na área pediátrica e difundidas pelo país. Sua funcionalidade se dá, atualmente, como um local reservado para gerar estímulos a criança hospitalizada, preservar a infância e suas relações sócio afetivas, todavia, ainda há um pensamento afinado no senso comum no qual vê a brinquedoteca como um ambiente destinado apenas ao “prazer” da criança, sem um direcionamento e uma reflexão sobre sua utilização, desconsiderando sua proposta pedagógica. Isto posto, se levantou a seguinte questão: qual a função social da brinquedoteca na inclusão da criança hospitalizada?

Este estudo justifica-se pela necessidade de evidenciar os benefícios da brinquedoteca hospitalar, tanto do ponto de vista teórico, embasando-se em estudos e teorias já existentes, quanto do ponto de vista prático, apresentando exemplos de implementação e resultados positivos. A pesquisa foi realizada para preencher uma lacuna no conhecimento científico sobre a importância da brinquedoteca hospitalar no desenvolvimento infantil de crianças hospitalizadas e pela necessidade de fornecer evidências empíricas e teóricas sobre os benefícios da brinquedoteca hospitalar, a fim de embasar a implementação e fortalecimento desses espaços em hospitais.

Como metodologia o estudo se caracteriza pela pesquisa bibliográfica, por ser ela a base de todo texto científico e ser “desenvolvida a partir de material já elaborado” (GIL, 2008, p. 50). Assim, a princípio realizou-se um levantamento em livros, periódicos, dissertações e teses no intuito de recolher informações relacionadas a temática, posteriormente realizou-se a seleção da literatura pertinente relacionados ao temas brinquedoteca, brinquedoteca hospitalar e a correlação de importância da brinquedoteca inserida num hospital ou unidade de saúde com atendimento pediátrico para o desenvolvimento infantil.

Em vista disso, o estudo teve por objetivo geral analisar o papel social da brinquedoteca hospitalar no desenvolvimento da criança hospitalizada. Como objetivos específicos buscou-se historicizar sobre as brinquedotecas hospitalares no Brasil; descrever a relevância do brincar em um ambiente hospitalar e compreender o brincar como forma de inclusão e promoção à saúde. Por meio desses objetivos específicos, buscou-se obter uma compreensão abrangente do impacto social da brinquedoteca hospitalar, tanto no contexto histórico brasileiro, quanto na importância do brincar e seu potencial de promoção à saúde das crianças hospitalizadas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Inicia-se esse item com o conceito de brinquedoteca, depois traz uma breve abordagem da história de como se iniciou a sua formação no cenário mundial e sua trajetória e legislação no cenário brasileiro. Na sequência reflete-se sobre a relevância do brincar enquanto uma importante atividade que contribui para o desenvolvimento infantil nos seus aspectos social, afetivo, linguístico, cognitivo, motor e físico durante o período de internação.

A brinquedoteca é definida por Friedmann (1992, p. 30) como

um espaço privilegiado que reúne a possibilidade e o potencial para desenvolver as características lúdicas. É hoje, um dos caminhos mais interessantes que pode ser oferecido às crianças de qualquer idade e faixa sócioeconômica. O intuito é o de resgatar, na vida dessas crianças, o espaço fundamental da brincadeira, que vem progressivamente se perdendo e comprometendo de forma preocupante o desenvolvimento infantil como um todo.

As brinquedotecas se assemelham às bibliotecas, mas são constituídas de jogos e brinquedos. Dentre eles, o desenvolvimento é realizado em um ambiente sem estresses,

obrigações ou expectativas, podendo funcionar de acordo com as necessidades verdadeiras e não a partir de métodos de adaptação e defesa.

Cunha (2011, p. 36) ressalta que “é um espaço preparado para estimular a criança a brincar, possibilitando o acesso a uma grande variedade de brinquedos, dentro de um ambiente especialmente lúdico. É um lugar onde tudo convida a explorar, a sentir, a experimentar”.

Ao brincar de “faz de conta” a criança reproduz situações do seu cotidiano e expressa por meio dos brinquedos e de suas brincadeiras sua visão sobre o mundo real, seus sentimentos e seu modo de pensar e agir (KISHIMOTO, 2003). Melo e Valle (2005, p. 45) acrescentam que:

[...] Brincar de forma livre e prazerosa permite que a criança seja conduzida a uma esfera imaginária, um mundo de faz de conta consciente, porém capaz de reproduzir as relações que observa em seu cotidiano, vivenciando simbolicamente diferentes papéis, exercitando sua capacidade de generalizar e abstrair.

Além do mais, o brincar é considerado um direito da criança. De acordo com a Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, inciso II, artigo 16 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ressalta que a criança tem direito a brincar, praticar esportes e divertir-se (BRASIL, 1991). Sendo assim, toda criança durante a infância deve se expressar, imaginar, criar, se comunicar, interagir, descobrir, procurar, dançar, construir conhecimento e divertir-se enquanto brinca.

Vygotsky (1991, p. 35) acrescenta que “o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos”.

Vygotsky (1991, p. 137) ainda pontua que “a essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual, ou seja, entre situações no pensamento e situações reais”. Assim, ao brincar, a criança utiliza o brinquedo como uma forma de entender as complexidades e de construir um mundo simbólico diante de sua realidade.

Frente ao exposto, o brincar, além de ser uma ferramenta que auxilia na imaginação e na fantasia, possibilita a socialização da criança com o universo, a cultura e a sociedade ao seu redor. Ao frequentar um mesmo espaço que outras pessoas, a criança

irá construir vínculos e relações sociais, além de trazer para si as normas, regras e cultura do local onde reside, pois a brincadeira

instiga a criança, cada vez mais, a ser capaz de controlar seu comportamento, experimentar habilidades ainda não consolidadas no seu repertório, criar modos de operar mentalmente e de agir no mundo que desafiam o conhecimento já internalizado, impulsionando o desenvolvimento de funções embrionárias de pensamento (PIMENTEL, 2007, p. 226).

Desta forma, pode-se perceber a importância das atividades lúdicas no desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos: cognitivo, motor, afetivo e social. Se o brincar é importante, por consequência as brinquedotecas, como elas foram pensadas?

Então, historicizando sobre a brinquedoteca, de acordo com a Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBri), elas foram pensadas após a crise de 29 quando a economia norte-americana enfrentou por anos uma grande depressão econômica. “A ideia deste espaço nasceu em Los Angeles (EUA), em torno de 1934, para tentar resolver o problema das crianças de uma escola que roubaram brinquedos de uma loja próxima” (MAGNANI *et al.*, 2003, p. 87). Tal ato se dava em razão da crise financeira vivenciada naquele período pelas famílias de crianças carentes que não possuíam brinquedos. Nas palavras de Cunha (1992, p. 38), “o diretor chegou à conclusão que isto estava acontecendo porque as crianças não tinham com o que brincar. Iniciou então um serviço de empréstimo de brinquedos como um recurso comunitário”. A partir daí surgiu o serviço de empréstimos de brinquedos à crianças da comunidade, denominado Los Angeles *Toy Lan*, existente até os dias atuais.

Anos depois, em 1963, na Suécia, essa “ideia foi desenvolvida e expandida por duas professoras, mães de crianças excepcionais” (MAGNANI *et al.*, 2003, p. 87), as quais buscavam oferecer o serviço de empréstimo de brinquedos e instruções a outras mães sobre como estimular seus filhos por meio da brincadeira. Assim, surgiu a *Lekotek* - biblioteca de brinquedos; fundada em Estocolmo, com um objetivo mais aprofundado de utilizar os brinquedos para estimular as crianças com deficiência, denominadas excepcionais naquele período (TEIXEIRA, 2012).

Segundo Cunha (1992), por volta de 1967, na Inglaterra, desenvolveu-se as *Toy Libraries*, que se tratavam de bibliotecas de brinquedos em que as crianças realizavam o empréstimo destes materiais e os devolviam tempos depois. As *Toy Libraries* eram semelhantes as *Lekotek* e sua repercussão positiva favoreceu para que seu trabalho fosse

expandido. Então, em 1976, foi realizado em Londres o Primeiro Congresso Internacional sobre as Brinquedotecas.

Conforme a ABBri, esse trabalho chegou ao Brasil por volta de 1971 por meio da inauguração de um Centro de Habilitação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), em São Paulo, onde foi realizada a exposição de diversos brinquedos pedagógicos. Em 1979, foi criado no país o *Material Pedagógico - Manual de Utilização*, a pedido do CENESP-MEC, publicado pelo MEC-FENAME em 1981, em dois volumes. Nele era compartilhado uma lista de brinquedos que poderiam ser utilizados no processo de ensino e aprendizagem não só dos discentes da APAE, mas, também de todas as crianças do Estado de São Paulo.

Devido à grande repercussão gerada no evento, a exposição foi transformada em um Setor de Recursos Pedagógicos da APAE, o qual foi coordenado pela pedagoga Nylse Helena Silva Cunha, que mais tarde, seria considerada uma revolucionária da brincadeira no Brasil ao ser responsável pela criação do termo brinquedoteca e por dirigir a primeira brinquedoteca do país, a Brinquedoteca Indianópolis, montada na cidade de São Paulo, em 1981.

No mesmo ano de 1981 a Escola Indianópolis, em SP, inaugura sua Brinquedoteca com forte apelo ao “aprender brincando”. Em 1982, é a vez do Nordeste, mas, especificamente, Natal, no Rio Grande do Norte, ter a sua primeira brinquedoteca com brinquedos arrecadados na comunidade após a diretora da instituição pedir doação numa rádio local. A linha do tempo segue até 1985 quando na Faculdade de Educação de São Paulo uma brinquedoteca entra em atividade para que os educadores em formação pudessem compreender na prática do brincar o quão importante é para o auxílio no processo de aprendizagem do aluno.

Se inicialmente as brinquedotecas foram criadas para empréstimos de brinquedos, expandiu seus serviços os quais foram definidos em função dos objetivos da comunidade que atende. Assim, encontram-se diferentes tipos, dentre elas as escolares, as universitárias e as hospitalares, entre outras (KISHIMOTO, 2003).

Por volta de 1984, no Brasil, o tema relacionado a brinquedoteca foi amplamente expandido, manifestou-se então a necessidade da formação de uma associação que atendesse as necessidades daquele momento. Assim surgiu a Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBri) que desde então monta brinquedotecas pelo país e forma novos brinquedistas.

No que concerne às brinquedotecas hospitalares no cenário brasileiro pode-se mencionar que as políticas públicas em prol da humanização da criança hospitalizada são relativamente recentes no Brasil. Elas se efetivam de fato a partir da promulgação da Lei 11.104 em março de 2005, que conceitua a brinquedoteca como “o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar (Art. 2º) (BRASIL, 2005 p. 1) e dispõe que “os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências” (Art. 1º) (BRASIL, 2005).

Desta maneira fica amparada por lei a obrigatoriedade dos hospitais pediátricos e unidades de saúde com atendimento pediátrico organizarem um espaço reservado, dentro das normas sanitárias e pedagógicas, uma brinquedoteca para os pacientes que possam se deslocar e, também, de maneira itinerante para os pacientes impossibilitados de deixar o leito. É importante frisar que tal lei também resguarda o direito de ser criança dentro do ambiente hospitalar com a finalidade de, ao mesmo tempo, que enfrenta uma enfermidade ela está inserida na sociedade e em movimento, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento.

Cunha (2002, p.97), menciona que a brinquedoteca hospitalar foi criada para alegrar a criança durante a sua permanência no hospital. “Lá, a criança pode encontrar brinquedos para se distrair e, no caso de não poder deixar o leito, os brinquedos serão levados até ela”.

De acordo Silvério e Rubio (2012), dentre os principais objetivos das brinquedotecas hospitalares, citam-se: “diminuir a ansiedade e os traumatismos dos rituais de hospitalização; fortalecer a estrutura familiar, recuperar e/ou fortalecer a auto-imagem, autoconfiança e auto-estima, estabelecendo relações amigáveis e prazerosas que procuram minimizar os entraves relacionados às doenças e ao tratamento”.

Almeida (2018, p. 20), complementa que

nesse espaço, criam-se formas de interação no meio social para a criança hospitalizada. Importante salientar que essa área não representa um mero passatempo; ao contrário, ela busca contribuir na recuperação da criança, ajudando em toda sua situação de enfermidade e na estrutura do desenvolvimento intelectual. A criança passa a superar seus medos, angústias, ansiedades, estresses, conflitos, perda de sono, dificuldades escolares e situações de risco que perpassam sua mente. Procura, assim, efetivar processos de socialização, aprendizagem, criatividade, construções de novos saberes e descobertas em seu cenário de mundo.

Frente ao exposto, a brinquedoteca hospitalar deve se constituir em um espaço em que as crianças podem realizar suas atividades pedagógicas tendo o lúdico como foco para a aprendizagem.

Outro ponto que merece destaque é que o brincar deve ser visto como uma forma de promoção à saúde. A saúde aqui entendida pelo significado dado pela Organização Mundial da Saúde (1946), como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades.

Assim, no período em que a criança se encontra hospitalizada requer além dos cuidados físicos, cuidados com sua saúde mental, com seu bem estar e cuidados psicológicos para que ela tenha suporte para lidar com toda a dor e sofrimento que a hospitalização significa e pelos momentos nos quais é privada de estar com seus pais, sua família, seus amigos e sua casa.

Favarato e Gagliane (2008, p. 88) corroboram que

para criança, a entrada em um hospital é uma experiência assustadora e geradora de muita ansiedade, depara-se com uma situação desconhecida, em relação a espaço físico, a pessoas, muitas vezes enfrentando clima de desinformação que intensifica suas fantasias e temores. Durante a hospitalização a criança tem que enfrentar muitos aspectos penosos como separar-se do meio familiar, rotinas e normas preestabelecidas diferentes das habituais, além do procedimento de claro valor aversivo, principalmente nos casos em que a criança é internada para procedimento cirúrgico.

É importante ressaltar que durante o momento em que a criança se encontra hospitalizada ela possui direito à educação. Isso é assegurado pela Lei nº 13.716, de 24 de setembro de 2018 que em seu art. 4º dispõe sobre

o atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa (BRASIL, 2018).

O profissional que realiza as atividades pedagógicas com a criança durante esse período é (ou deveria ser) o pedagogo hospitalar. Durante essa trajetória ele é o responsável por aplicar o conteúdo e conduzir o aluno ao conhecimento. “O pedagogo tem a função de orientar, estimular e motivar a pessoa enferma e hospitalizada a prosseguir com seu aprendizado, afinal ela continua em crescimento e desenvolvimento e este processo não pode e não deve ser interrompido por ocasião de uma internação” (SILVÉRIO; REIS, 2012).

Souza *et al.* (2018, p. 87), complementam que “o professor/pedagogo possui papel de extrema importância, pois vai auxiliar o aluno para que dê continuidade aos estudos e assim não seja prejudicado devido à condição que se encontra”. Quanto às atividades elas podem ser realizadas no quarto no qual a criança está internada ou, preferencialmente, na brinquedoteca hospitalar

Numa sociedade em que cada vez mais crianças são “distraídas” desde bebês com telas - *smartphone, tablet, smart tv*; é quase uma dádiva quando se vê crianças brincando entre si, sozinhas, criando e deixando se levar pela criatividade replicando vivências do âmbito familiar e social; exercendo o direito de brincar mesmo sem saber que a ação de brincar é também uma forma de aprendizado. Portanto, hoje em dia brincar é um privilégio para aquelas crianças que não foram, ainda, dissuadidas pelo poder frenético das telas que exclui as relações interpessoais e valoriza a interação *online*.

Não se quer com isso rejeitar o uso de telas, mas, sim a oportunidade de mostrar o quão importante é estar e interagir com seres humanos reais num espaço monitorado e gerido por um profissional pedagogo em detrimento do uso exacerbado das mídias.

Souza *et al.* (2021) afirma que a brincadeira e o jogo são compreendidos como fenômenos importantes, que nos permitem fazer aproximações entre os conceitos definidos por ambos os teóricos. A reprodução interpretativa, como princípio constitutivo das culturas infantis, dá vida às atividades das crianças entre seus pares e à produção coletiva de suas culturas de pares, sobretudo em suas brincadeiras.

É importante ressaltar a necessidade de uma criança hospitalizada em brincar com outra, criar laços de amizade, ter momentos de lazer e aprendizado e isso é possível por meio de uma brinquedoteca monitorada e, quando a locomoção não é permitida por ocasião do quadro clínico, deve-se oferecer brinquedos e realizar acompanhamentos em seus leitos, pois

a internação num hospital, além de provocar uma interrupção na rotina de vida da criança, favorece a sua insegurança porque a priva de seus parentes e amigos, seus brinquedos e tudo o que lhe é familiar. Ela fica, portanto, sujeita a deixar-se envolver pelo pânico ou pela tristeza, que certamente dificultará tanto a aceitação do tratamento como a sua recuperação (CUNHA, 2011, p. 95).

A hospitalização de uma criança é um momento delicado que exige muito cuidado, paciência e dedicação de seus familiares e equipe médica para que essa fase não ocasiona traumas. Durante esse período é importante que a criança se sinta confortável e tenha acesso a brinquedos porque:

para a criança nada é mais importante do que os brinquedos, pois estes proporcionam um mundo do tamanho de sua imaginação. Para que uma criança se torne um adulto saudável e bem ajustado é necessário que seu corpo esteja constantemente ativo, sua mente alerta e curiosa, seu ambiente dotado de materiais atrativos e sua inter-relação com as outras pessoas se efetive de modo natural e efetivamente bem estruturado (SANTOS; CRUZ, 2010, p. 68).

Em razão disso, o brinquedo terapêutico (BT) se torna um grande aliado na hospitalização, pois, “crianças hospitalizadas normalmente ficam sujeitas a sentimentos de estresse e de confusão e isso pode significar para algumas delas um modo de punição” (MOTA, 2022, p. vii). Assim, o BT ajuda a atenuar a angústia, a ansiedade, o medo, a tristeza e a culpa, os quais, são expressos pela raiva, o choro e agressividade gerados por situações desafiadoras nas quais as crianças vivenciam e expressam dificuldade em lidar com a experiência (STEELE, 1981).

De acordo com Barton (1969) o BT se trata do uso de um brinquedo replicando momentos da hospitalização onde a criança recebe a instrução e explicação sobre os procedimentos nos quais seu tratamento necessita ou, uma forma de utilizar o brinquedo para descarregar e aliviar o estresse após realizar determinado procedimento, de forma a brincar simbolicamente representando sua experiência.

Em razão disso, é possível identificar o BT em três diferentes formas:

- **Brinquedo dramático:** é aquele em que possibilita à criança expor por meio dos brinquedos seus sentimentos e angústias vivenciados pela hospitalização, como uma forma de desabafo e alívio. Isso inclusive auxilia a equipe médica e os familiares a compreenderem as sensações da criança, principalmente, aquelas que não ainda conseguem verbalizar seus sentimentos.
- **Brinquedo instrucional:** é responsável por instruir a criança pelo procedimento no qual ela irá se submeter, possuindo o objetivo de acalmar e explicar sobre todo o processo, de forma na qual a criança se sinta envolvida. A idade da criança deve ser considerada nesse momento, visto que a faixa etária possui suas particularidades.
- **Brinquedo capacitador de funções fisiológicas:** é utilizado para ensinar a criança sobre as capacidades de suas funções fisiológicas, seu condicionamento físico, suas limitações e estimular seu autocuidado.

Assim, é possível identificar a relevância do brinquedo terapêutico como um elemento no qual a criança hospitalizada utiliza para reproduzir e lidar com situações de seu cotidiano, além de estimular sua imaginação por meio do brincar de faz de conta.

De acordo com Cunha (2011, p. 10) deve-se:

[...] dar-lhe oportunidade para que, brincando libere a sua capacidade de criar e de reinventar o mundo, de deliberar sua afetividade de ter suas fantasias aceitas e favorecidas para que através do mundo mágico do faz-de-conta possam explorar seus próprios limites e partir para a aventura que poderá levá-lo ao encontro desses mesmos.

Ao brincar as crianças assumem papéis, os quais o brincar auxilia na sua promoção da saúde ao proporcionar a ela uma forma de lidar, por meio da imaginação, com seus medos, angústias e tristezas vivenciados e permitindo que encare a situação de forma mais humanizada.

A brincadeira é fundamental para a criança. O período em que se encontra hospitalizada é considerado triste, amedrontador e traumático e a biblioteca hospitalar surge como uma forma de amenizar a tristeza e salvaguardar os direitos das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora existam estudos sobre a importância do brincar no desenvolvimento infantil, há uma escassez de pesquisas específicas que abordem a relevância desse espaço lúdico em um ambiente hospitalar. Portanto, esta pesquisa contribui para a ampliação do conhecimento acadêmico sobre o tema, fornecendo evidências empíricas e teóricas sobre os benefícios da brinquedoteca hospitalar para o desenvolvimento infantil.

A pesquisa também possui implicações práticas significativas. Ao compreender a contribuição social da brinquedoteca hospitalar, os resultados deste estudo podem ser utilizados para embasar a implementação e fortalecimento desses espaços em hospitais e unidades de saúde. Os profissionais da área da saúde, gestores hospitalares e equipes multidisciplinares podem se beneficiar dos resultados desta pesquisa ao reconhecerem a importância do brincar no processo de tratamento e recuperação das crianças hospitalizadas.

Ademais, a pesquisa também pode contribuir para a conscientização da sociedade em geral sobre a importância da brinquedoteca hospitalar. Ao divulgar os resultados e conclusões deste estudo, é possível sensibilizar a comunidade sobre a necessidade de apoio e recursos para esses espaços, seja por meio de doações de brinquedos, voluntariado ou outras formas de colaboração.

Com base nos resultados desta pesquisa, pode-se constatar que a brinquedoteca hospitalar desempenha um papel social significativo no processo de inclusão da criança

hospitalizada. A partir da análise do contexto histórico, observou-se que a brinquedoteca hospitalar alcançou seu auge no país após a sanção da Lei 11.104 em março de 2005.

Durante o período de internação, é comum que a criança experimente sentimentos como tristeza, medo, reclusão e angústia, os quais podem afetar seu estado clínico e interromper seu processo de descobertas e desenvolvimento.

Além dos benefícios conhecidos do brincar, como o desenvolvimento da criatividade, imaginação, pensamento lógico e habilidades motoras, a brinquedoteca hospitalar também desempenha um papel importante na mitigação dos conflitos internos, angústias e sentimentos negativos decorrentes da doença.

Conclui-se, portanto, que a brinquedoteca hospitalar não só promove o desenvolvimento integral da criança, mas também contribui para sua saúde emocional e bem-estar durante o período de internação. Ao fornecer um espaço seguro e estimulante para o brincar, a brinquedoteca hospitalar se mostra como uma ferramenta eficaz na promoção da inclusão, na melhoria do quadro clínico e na garantia de um ambiente acolhedor para crianças hospitalizadas.

Por meio de espaços lúdicos dentro da brinquedoteca serão estimulados as habilidades, criatividade, sendo o brincar um fator essencial para a saúde mental da criança. Nesse contexto ao se falar de doença, reabilitação não se pode esquecer da parte de humanização como um todo, momento em que a criança separa de seus familiares despertando sentimentos de tristezas e saudades. Portanto, a importância de incorporar nesse espaço o atendimento à inclusão demonstrando assim a prestação dos serviços psicológicos, sociais e culturais. Dessa forma, o lúdico proporciona a criança uma interação maior com os profissionais da saúde, facilitando os procedimentos hospitalares. O resultado desse estudo evidencia-se que a acolhida por meio de um espaço planejado é benéfica ao desempenho emocional e social das crianças, haja vista, que elas chegam ao hospital sem entendimento sobre sua situação de saúde.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Erivan Elias Silva de. O olhar do enfermeiro sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço da brinquedoteca hospitalar. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES. Lajeado, 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BRINQUEDOS. **Por dentro da lei**. Disponível em: <https://www.brinquedoteca.org.br/> . Acesso em: 15 mar. 2023.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BRINQUEDOS. **Brinquedoteca, o que é?** Disponível em: <https://www.brinquedoteca.org.br/> . Acesso em: 15 mar. 2023.
- BARTON, P.H. Nursing assessment and intervention through play. In: BERGERSON, B.S. et al. **Current concepts in clinical nursing Saint Louis, Mosby**, 1969. p.203-17.
- BRASIL. **Congresso Nacional. Lei Nº 13.716, de 24 de setembro de 2018**. Brasília, 2018. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13716.htm> Acesso em: 17 set. 2022.
- BRASIL. Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005. **Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 21 mar. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111104.htm. Acesso em: 17 mar. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 1991.
- BRUNO, M. 2000. Escola inclusiva: problemas e perspectivas. **Série-Estudos: Periódicos do Mestrado em Educação da UCDB**, n.10, p. 79-90, 2000.
- CUNHA, N. H S. A brinquedoteca brasileira. In: SANTOS, M. P. dos. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CUNHA, N. H. S. Brinquedoteca: definição, histórico no Brasil e no mundo. In: FRIEDMANN, A (Org.) **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Scritta, 1992. p. 35-48
- CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2011.
- FAVARATO, M.; GAGLIANI, M.L. Atuação do psicólogo em unidades infantis. In: ROMANO, B. W. (Org.). **Manual de psicologia clínica para hospitais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- FRIEDMANN, Adriana. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Scritta: ABRINQ. 1992.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2003.
- MAGNANI, E.M. *et al.* Brinquedoteca: espaço de formação de educadores. **EDUCERE: Revista da Educação**, Umuarama, v. 3, n.2, p. 83-95, jul./dez. 2003.
- MELO, L. L.; VALLE, E. R. M. O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil. **Psicologia argumento**, v. 23, n. 40, p. 43-48, 2005.

MOTA, Antônio Carlos Vieira. **As brinquedotecas hospitalares como espaço educativo para as crianças em situação de hospitalização**. 2022 Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação em Educação: formação docente para a Educação Básica, Uberlândia.

PIMENTEL, A. Vygotsky: Uma abordagem histórico cultura da educação infantil. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. (Orgs.). **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTOS, Santa Marli Pires; CRUZ, Dulce Regina Mesquita. **Brinquedo e infância**: um guia para pais e educadores em creche. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SILVÉRIO, Cláudia Aparecida; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Brinquedoteca Hospitalar: o papel do pedagogo no desenvolvimento clínico e pedagógico de crianças hospitalizadas. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 3, n. 1, 2012.

SOUZA, Cleonice et al. Modos de ser criança na brinquedoteca universitária: cultura lúdica, jogo e mídia em foco. In: OLIVEIRA, Evandro Salvador Alves de (Org.). **Crianças em ação**: contribuições da extensão universitária “brinquedoteca Unifimes”. Curitiba: Bagai, 2021.p. 46-47

SOUZA, L. M. de et al. Pedagogia hospitalar: conceito e importância, frente aos direitos da criança hospitalizada. **EDUCERE: Revista da Educação**, Umuarama, v. 18, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2018.

STEELE, S. **Child health and the family**. New York: Masson, 1981. cap.11, p.705-38.

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca**: Implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak,2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.